

Introdução

Esta etnografia é o resultado de dois anos de trabalho de campo no Instituto Tamoio dos Povos Originários, uma ocupação de índios urbanos liderada por diferentes etnias. Ela está apresentada, aqui, como dissertação de conclusão do mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O relato foi escolhido por ser a forma de escrita mais ajustada à experiência de campo. Ela busca traduzir o convívio que tive durante o período com os moradores da ocupação. Há, porém, outra razão para esta escolha, que me foi sugerida pelos próprios moradores do Instituto Tamoio, que diz respeito à noção de *conhecimento*.

O Instituto Tamoio dos Povos Originários é um espaço de moradia, vida cotidiana, celebração, cultura. A ocupação é um movimento essencialmente político, que visa à restauração do prédio do antigo Museu do Índio, fundado por Darcy Ribeiro. Os índios moram neste espaço como forma de protesto contra o abandono e descaso que a sociedade confere ao seu patrimônio cultural, material e imaterial. Sua intenção de fazer um *museu vivo*¹ vem do pensamento de que a cultura não deve permanecer encerrada a um modelo, pelo menos não enquanto isto representar a limitação de seu poder criativo. O *arquivamento* das culturas indígenas, enquanto atitude colonizadora, é bem observada pelos representantes destas culturas e foi mencionada em alguns relatos. A cultura como *vivência* é a

¹ O termo “museu vivo” de cultura, o qual será usado em outras seções do texto, foi formulado por apoiadores do Instituto em projeto cultural, cujo trecho reproduzo aqui:

“Com o intuito de transformar o Instituto Tamoio num Centro Cultural dos povos Indígenas Brasileiros, nosso projeto visa criar no local um Museu Vivo.

O Museu do Índio da cidade do Rio de Janeiro, localizado na Rua das Palmeiras, em Botafogo, é pensado e dirigido por *caraíbas* – não índios – e segue o padrão dos museus europeus, que expõe os vestígios das antigas civilizações, tratando a história dos povos originários do Brasil como algo do passado. No entanto, essa cultura está viva e é bem forte dentro das aldeias das diversas etnias espalhadas pelo Brasil. Ao todo, são 240 etnias e 180 línguas faladas em todo o território nacional. O idealizadores do Instituto Tamoio buscam sair da lógica do “museu do passado” e realizar no espaço a demonstração da cultura viva que ainda existe nas tribos de todo o Brasil. Nesse sentido, o Instituto Tamoio dos Povos Originários é idealizado e criado por indígenas, que reivindicam a possibilidade de construir um Centro Cultural que abarque todas as nuances e diversidade das etnias dos povos nativos de todo o território brasileiro (...).” O projeto cultural do Instituto Tamoio foi apresentado para autoridades do poder público, mas não obteve aprovação até a data atual.

mensagem que este pequeno grupo com que tive contato difunde, mesmo que, a princípio, isto não pareça compreender uma significação política.

Os moradores do Instituto Tamoio dos Povos Originários contam inúmeras histórias que ilustram como vieram morar no Rio de Janeiro, na ocupação. São narrativas no sentido rigoroso do termo, isto é, relatos de experiências. Estas, eles teimam por multiplicar. Seu espírito é inconstante, nômade. Quem mora em uma ocupação deve estar preparado para reunir seus pertences e partir, já que o despejo é um risco permanente. Soma-se a isso a experiência da metrópole, que convida seus habitantes a integrarem-se ao novo. Quando conversamos com estas pessoas, não devemos nos espantar em conhecer escritores, contadores de história, atores, cineastas. Muitos se agarram às oportunidades que a cidade tem a oferecer, ampliando seu universo desde sempre repleto de vivências.

Embora muitos lamentem a perda de identidade oriunda do contato com a sociedade complexa (tema discutido no capítulo 2), não deixam de sonhar, e de se reinventar em meio às contingências. O *museu vivo* é seu manifesto. Suas *perambulações* são, a um só tempo, escolha e necessidade. O índio urbano, sem raízes, fala de seus avós com tanta paixão quanto de sua busca por uma carreira dentro do mundo contemporâneo. Ele se encontra conosco, surpreendentemente, em sua forma de adaptar-se às adversidades.

Eles lamentam menos a perda de seu mundo tradicional que os arautos da cultura imaculada pela simples razão de saberem-se *índios*. *Sua alma é de índio*, e isto basta para estarem sempre em contato com sua cultura. Nada pode se perder quando temos uma certeza dentro de nós.

A cada passo dentro de uma realidade em constante mudança há um elemento de permanência. Permanecer e mudar: as culturas nativas sempre souberam lidar com o movimento de maneira sábia. Em um mundo que destrói para construir incessantemente o novo, o ocidente faria bem em se *indianizar*. O nomadismo, traduzido por um índio urbano no termo *perambular*, é sua habilidade, sua estratégia.

Esta etnografia reúne histórias as mais diversas, que indicam diferentes trajetórias, opiniões e valores. As narrativas remetem à experiência de quem narra, o que não significa que o narrador esteja isolado em uma pessoalidade absoluta pois narrar é também compartilhar. Neste sentido, a forma de escrita escolhida se distancia inevitavelmente de uma coleta de dados, já que não há como transformar

narrativas em fatos. Quando entramos na casa de reza da ocupação, tem-se a impressão de que a noção de *ponto de vista* merece ser levada a sério pois, neste espaço, não é possível documentar um fato sequer. Os curadores sabem que *sua* realidade pode mudar repentinamente, pois cada cura é um processo intersubjetivo único.

E esta é mesmo uma das lições da pajé Iara: concentre-se em sua experiência. A razão está em assumir que a experiência concentra toda a riqueza possível, uma totalidade de saber que se perde quando estamos focados em compreender. Compreender é ainda possível; entretanto ele é um segundo momento, um segundo movimento, e não uma forma mais refinada de *saber*. A experiência pura não é possível, pois toda experiência é permeada por categorias. Contudo, se mudarmos as categorias, não mudamos a experiência?

Transitar entre categorias, transitar entre culturas, é a tarefa da antropologia. Se o texto nos permite este trânsito no plano das idéias, o ofício de cura nos exige o mesmo movimento no plano da experiência. E a experiência é algo que comove, que afeta e desloca – se o permitimos.

No primeiro capítulo pretendi fazer um breve histórico do Instituto Tamoio e do terreno que lhe serve de sede. A invasão do antigo prédio ocorreu em 2006 e, desde então, muita coisa aconteceu. Venho acompanhando os moradores desde 2008, quando iniciei a pesquisa de campo. A história oficial diz que o terreno já estava sendo visado há dois anos antes de ser invadido. O grupo que iniciou o movimento baseia-se na destinação original do imóvel para o fim de preservação da cultura indígena. O registro do imóvel (anexo à dissertação) contempla o histórico do terreno. O museu do índio e a antiga Escola Nacional de Agricultura confirmariam essa destinação original.

A legitimidade do movimento Tamoio esbarra, entretanto, na dificuldade de definição da categoria *índio urbano*, tema do segundo capítulo. Segundo destacam algumas lideranças do movimento, a sociedade e as instituições em geral acolhem somente os grupos indígenas que se encaixam dentro de um padrão cultural definido que inclui indumentária, formas de moradia, hábitos e costumes. As instituições acadêmicas contribuem para este quadro excludente, na medida em que chancelam apenas os grupos indígenas passíveis de um *arquivamento* (termo escolhido por uma liderança para definir a postura destas instituições). A

dispersão dos índios urbanos e sua adaptação ao modo de vida da metrópole contribui ainda mais para sua invisibilidade. A luta do índio não-aldeado por reconhecimento é árdua e passa pela tentativa de atender às expectativas da sociedade quanto a seus costumes e seu modo de ser.

Iniciativas que promovem um resgate da cultura indígena surgem como estratégias para sua legitimação. Isto é observado no Instituto Tamoio e, também, no Acampamento Indígena Revolucionário, uma ocupação de protesto localizada na área da esplanada dos ministérios, em Brasília, e encabeçada pelas mesmas lideranças do movimento do Rio de Janeiro. A afirmação de identidade realizada a partir destas iniciativas reanima antigas feridas, conflitos, lembranças de um passado que hoje se faz presente em um novo registro.

O capítulo três aborda o tema da afirmação da identidade indígena dentro do cotidiano da ocupação. A maneira como a elaboram é muito rica e varia enquanto se trata de uma relação entre os próprios moradores ou entre os índios e a sociedade. A afirmação do grupo perante a sociedade tende a ser mais complexa; os eventos culturais, que têm espaço na ocupação, auxiliaram imensamente este diálogo. A casa de reza, que funciona nos fundos da ocupação, é outro lugar de intercâmbio com os frequentadores, que passaram a se familiarizar com os temas da cultura indígena não através de livros e exposições, mas fazendo parte da *aldeia urbana*.

A casa de reza figura como uma nova vertente deste diálogo, que passa pela espiritualidade indígena. Esta é bem-vinda em um círculo urbano que busquei definir como movimento Nova Era. Este movimento engloba costumes, crenças, valores e, conseqüentemente, mercados específicos. Algumas de suas tendências têm ressonância nas culturas indígenas, o que permite uma troca. Dentro de espaços urbanos como casas de cura, Spas, centros holísticos e de terapias alternativas, a medicina e a cultura indígena são acolhidas. As formas de integração mente-corpo sugeridas nestas atividades poderiam ser encontradas em práticas ancestrais indígenas, hoje ressignificadas pelo movimento.

O quarto capítulo se trata de um relato sobre minha experiência de campo dentro da casa de reza do Instituto Tamoio. Além do convívio com os moradores, minha aproximação com a pajé Iara me conduziu à iniciação nas técnicas de cura por símbolos e pedras, por ela ensinadas. A experiência me fez refletir sobre o lugar do pesquisador em campo e, mais diretamente, sobre as relações entre

experiência e saber. A ênfase concedida à prática, como pude apreender participando das iniciações e sessões de cura, deriva de uma compreensão especial da noção de conhecimento, a qual privilegia a experiência. As técnicas de cura envolvem formas de saber cujas categorias diferem daquelas utilizadas na investigação objetiva da realidade.

Ainda, busco mostrar como os frequentadores da casa tratam esse saber de modo mais amplo, em seu cotidiano. Quero sugerir que a forma de saber implicada nas curas com símbolos e pedras corresponde a algo que abrange outras áreas de sua vivência e que se faz presente na forma de valores e comportamentos. À proposta de uma perspectiva ampliada do saber de cura dei o nome de *magia*, um termo que, a princípio, traduziria a contento este universo para o discurso antropológico. Embora pouco freqüente nos discursos de meus interlocutores, a idéia de *magia* daria conta do colapso de uma realidade dividida, ou seja, do paradigma dualista. Não procuro conceitualizar tais experiências, mas apenas auxiliar o diálogo de duas formas de conhecimento distintas através do uso de um termo comum.

A casa de reza do Instituto Tamoio é um local de diálogo e troca. Muitos frequentadores da ocupação são, antes, frequentadores da casa; daí a centralidade deste espaço dentro deste texto. Por esta razão, procuro concluir que a noção de diálogo é das mais importantes, para *eles* e para *nós*. Surpreendentemente, o projeto formalizado para a ocupação busca rebatizar o prédio do antigo museu do índio como *Palácio dos Diálogos*, mostrando que a troca é um valor central para a vida das culturas.

A respeito dos depoimentos contidos nesta dissertação é preciso dizer que, em parte, eles foram colhidos através de notas de campo. O restante foi registrado em gravações que eram feitas durante reuniões e conversas com os moradores e frequentadores do espaço. Todos os nomes das pessoas envolvidas foram trocados por razões de segurança dos próprios. Por se tratar de um movimento político que esbarra em fortes interesses do poder público e do setor imobiliário, achei por bem preservar a identidade destas pessoas.